

A virtualização da memória no facebook

Rosali Maria Nunes Henriques*

Vera Dodebei**

RESUMO

A *internet* tem revolucionado a forma como as pessoas veem o mundo. Como em qualquer campo das Ciências Humanas, o campo da memória também vem sendo afetado por esta nova mídia. Neste texto iremos discutir o uso do Facebook enquanto espaço de registro de memória dos jovens. Enfocaremos neste texto as relações entre memória e *internet*, analisando o surgimento do Facebook e as narrativas de memória na *internet*.

Palavras-Chave: Memória. Facebook. Internet.

ABSTRACT

The internet has revolutionized the way people see the world. As in any field of the humanities, the field of memory is also being affected by this new medium. In this paper we discuss the use of Facebook as a place to record memories of youth people. We will focus in this paper the relationship between memory and internet, analyzing the rise of Facebook and the narratives of memory on the internet.

Keywords: Memory. Facebook. Internet

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo refletir sobre o uso do Facebook como plataforma de registro de memória pelos jovens nativos digitais¹. Trata-se de uma revisão bibliográfica sobre as relações entre memória e internet, enfocando as configurações e o uso das redes sociais.

* Mestre em Museologia. Doutoranda em Memória Social pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro e bolsista do Capes. rosalih@gmail.com.

** Professora Associada III da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro no Programa de Pós-Graduação em Memória Social (mestrado e doutorado). Graduada em Biblioteconomia e Documentação (USU), com mestrado em Ciência da Informação pela UFRJ e doutorado em Comunicação e Cultura (UFRJ). dodebei@gmail.com

1 Nativos digitais é uma expressão criada pelo educador canadense Marc Prensky (2001) para definir as pessoas que nasceram após o advento da internet, do celular e do MP3. Quem nasceu anteriormente a este período seria um imigrante digital, pois teve que aprender a lidar com esta tecnologia em sua fase adulta.

Atualmente, é a rede social com maior presença entre os jovens brasileiros. Eles postam, compartilham e curtem o tempo todo por meio de computadores, mas principalmente através dos aparelhos de telefonia celular. Os jovens nativos digitais registram e compartilham a sua memória cotidiana através de fotos e textos no momento dos acontecimentos. Essa memória imediata e compartilhada está acessível a qualquer um de seu próprio círculo de amizades. No entanto, podemos afirmar que as redes sociais tornaram-se espaço de preservação e divulgação da memória das pessoas na internet? Em contraponto a este desejo de memória e patrimonialização, podemos afirmar que ao postar e compartilhar uma foto no Facebook, os jovens nativos digitais também estão possuídos por um desejo de memória? Essas indagações deram origem a uma pesquisa de doutoramento em Memória Social e que se encontra atualmente em fase de conclusão. Os pressupostos que movem a nossa pesquisa são os de que as TICs², mas principalmente a internet, têm mudado a forma como as pessoas se relacionam com a memória. Podemos dizer que os processos de memorização e rememoração continuam os mesmos de outros tempos, mas que hoje existem ferramentas com as quais as pessoas trabalham os registros e que modificam os tempos da memória. Neste artigo, iremos abordar algumas questões pertinentes ao nosso estudo, tais como as relações entre a memória e internet, as formas de narrativa e a configuração das redes sociais.

2 AS RELAÇÕES ENTRE MEMÓRIA E INTERNET

A internet surgiu na década de 1960 nos meios militares e posteriormente migrou para a área acadêmica, mas seu uso se popularizou a partir de 1993, quando o governo dos Estados Unidos transferiu sua gestão para a iniciativa privada. Na década de 90 do século XX, as conexões rapidamente se alastraram para o mundo inteiro. No Brasil não foi diferente. Como na maioria dos países desenvolvidos ou em desenvolvimento, o início do acesso comercial no Brasil aconteceu no ano de 1995. Em 1996, já havia cerca de 110 mil usuários e ao final desse mesmo ano já contava com cerca de um milhão de usuários (NICOLACI-DA-COSTA, 1998).

² Tecnologias de Informação e Comunicação.

Podemos definir a internet³ como uma rede de nós de distribuição descentralizada e que liga milhares de computadores espalhados pelo mundo inteiro. Mas ela é muito mais do que isso. Surgida como uma ideia de conexão entre computadores em rede com caráter militar e acadêmico tornou-se um meio de comunicação na década de 1990. A rede mundial de computadores tem sofrido várias modificações ao longo do tempo, seja na forma de acesso, cada vez mais simplificada, seja na velocidade de conexão, cada vez mais ágil. Sua importância ultrapassa o campo da tecnologia da comunicação, pois ela acabou por se tornar imprescindível em várias áreas do conhecimento. É uma autêntica revolução da tecnologia da informação que pode ser comparada, segundo Castells (2002), ao que foi o surgimento de novas fontes de energia para a Revolução Industrial. No entanto, é preciso ficar alerta em relação ao deslumbramento pela internet, como se ela fosse uma solução para resolver todos os males do mundo. Segundo Erick Felinto (2011, p. 44), é preciso ficar atento às “narrativas triunfalistas da cibercultura”, pois a maioria dos autores tende a passar ao “leitor uma sensação de maravilhamento tecnológico, entusiasmo infantil e desprezo por tudo aquilo que é antigo”, quando na verdade é necessário estudar a internet dentro de sua conjuntura, assim como foi feito em relação a outros fenômenos no passado. E nesta análise cabe-nos verificar o que é realmente uma mudança de comportamento a partir do uso das novas tecnologias e o que é comportamento herdado de outras tecnologias. Para Jost (2011, p. 100), “Se os meios usados para acessar os conteúdos audiovisuais são inegavelmente novos, resta saber se eles são sintoma de comportamentos radicalmente novos, e qual será o impacto desses novos usos”, pois o fato de produzir um texto num computador ou numa máquina de escrever não demonstra diferenças nas ações. Não nos cabe aqui discutir os prós e os contras de cada versão sobre a importância desse novo meio de comunicação⁴, mas indagar se as redes sociais estão criando um novo tipo de comportamento em relação à memória ou é simplesmente uma reprodução de ações de memória já existentes em outros meios e formatos.

3 Iremos trabalhar a concepção de uma rede de computadores, não somente a infraestrutura, mas a dinâmica da comunicação entre os computadores. Para tanto iremos diferenciá-la da *World Wide Web*, ou *Web* que é a maneira de acessar as informações na rede mundial de computadores (seja através de páginas HTML ou em outros formatos). A internet abrange a *web*, mas também uma série de outros componentes para seu funcionamento.

4 Francisco Rüdiger (2011) analisa vários posicionamentos frente a esta polêmica, mostrando os prós e os contra de cada teoria.

Mas o que a memória tem a ver com a internet? Podemos afirmar que o que postamos nas redes sociais é parte da nossa memória social? Segundo Paul Virilio (2006, p. 94), ela fez surgir uma nova memória: a memória do presente. Essa memória é aquela do imediatismo, dos acontecimentos vividos e narrados ao mesmo tempo. Nesse sentido, ao postar um comentário no Twitter ou no Facebook sobre uma obra de arte vista num museu ou um fato ocorrido naquele momento, estamos vivenciando esta memória do presente. E cada vez mais, a memória está presente nos registros do nosso cotidiano. E essa memória instantânea luta o tempo todo contra o esquecimento através da proliferação e do excesso. Parece contraditório, mas não é.

Na rede mundial de computadores proliferam *sites* de histórias que incentivam a rememoração: são blogs, comunidades virtuais, *sites* de museus e de projetos de incentivo ao envio de histórias de vida. Muitos desses projetos sobre eventos traumáticos, tais como Holocausto, pessoas desaparecidas, massacres em massa ou guerras civis, abrem espaço para que as pessoas possam conhecer as histórias daqueles que viveram determinados acontecimentos e lutar contra o esquecimento. No entanto, o excesso de informação comunicado pela sociedade pode vir a produzir um efeito contrário, relegar ao esquecimento essa memória dos acontecimentos, tal como afirma Andreas Huyssen (2000). O autor questiona se esse excesso de memória não acabaria produzindo um “explosivo” esquecimento e que muito do que consumimos hoje como memórias de massa seriam “memórias imaginadas”. Estas seriam mais fáceis de serem esquecidas do que aquelas por nós vividas. Segundo ele, “Quanto mais nos pedem para lembrar, no rastro da explosão da informação e da comercialização da memória, mais nos sentimos no perigo do esquecimento e mais forte é a necessidade de esquecer.” (HUYSSSEN, 2000, p. 20). Nesse sentido, também Umberto Eco (1999), em entrevista publicada em 1999, já alertava para a crise da memória a partir do acúmulo de informações produzido pela internet. Para ele, a rede mundial de computadores seria uma espécie de “um imenso Funes⁵”, pois “até o presente a sociedade filtrava para nós, por intermédio dos

5 No conto ‘Funes, o memorioso’, o escritor argentino Jorge Luís Borges conta a história de um homem, que após uma queda de um cavalo passa a lembrar de todos os detalhes da sua vida, sem esquecer nenhum pormenor. Esta situação leva a um esgotamento de Funes, pois ele não consegue descansar a memória.

manuais e das enciclopédias” e com o advento da internet “ampliamos nossa capacidade de estocagem da memória, mas não encontramos ainda o novo parâmetro de filtragem”. Eco adverte que um pouco de esquecimento é necessário para o equilíbrio da memória.

A memória é seletiva, não guardamos tudo, mas apenas uma parcela do que nos aconteceu durante a vida. E nem sempre o que guardamos é aquilo que queremos guardar e nem selecionamos o que guardar, mas o que restou em nossa memória, pois como afirma Le Goff (2000, p. 27): “O passado é uma construção e uma reinterpretação constante e tem um futuro que é parte integrante e significativa da história.” Assim também é a dinâmica da memória social na internet. O que se preserva não é necessariamente o que se quis preservar, mas o que o acaso ou o infortúnio permitiu. Da mesma forma, em relação à memória individual podemos afirmar que quando efetuamos registros de nossa memória na internet estamos compartilhando esta memória com outras pessoas de nosso círculo social. Essa ação poderia ser considerada uma ação de preservação de memória ou é simplesmente um excesso de memória, tal como afirma Huyssen (2000)? Pois, assim como na vida, a memória na internet é fluida e passível de esquecimento.

A internet é também um espaço de autoria. Walter Benjamin (1994) em seu texto “A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica” já preconizava que a diferença entre o autor e público estava a ponto de desaparecer após o surgimento do cinema. Com a internet essa diferença fica cada vez menor, na medida em que há mais espaços de registro de suas histórias, obras e opiniões. Com o surgimento da *web 2.0*⁶, o crescimento dos *blogs* e das redes sociais *on-line*⁷ (tais como Orkut, MySpace e Facebook) e o surgimento de *microblogs* (como o Twitter, por exemplo) aumentaram as possibilidades de interação na *internet*. No entanto, quando falamos ou estudamos a rede mundial de computadores, não podemos falar somente de uma, mas de várias

6 O termo *Web 2.0* é utilizado para explicar a segunda geração da internet cuja tendência reforça o conceito de troca de informações e colaboração dos internautas com sites e serviços virtuais. Um exemplo de um site *Web 2.0* é *Wikipédia*, no qual qualquer pessoa pode escrever ou editar verbetes dos mais variados assuntos. http://pt.wikipedia.org/wiki/Web_2.0.

7 Embora atualmente falemos em rede social para designar redes sociais *on-line* na internet, o conceito de rede social é bem mais amplo e anterior ao surgimento das novas tecnologias da informação. Qualquer rede que tenha como objetivo ligar pessoas ou organizações é uma rede social.

“internets”. Podemos afirmar que cada “internet” possui características próprias que a diferencia das outras. Nas listas de discussões e *sites* acadêmicos, por exemplo, a linguagem usada para a comunicação é a do meio acadêmico. Nas salas de bate-papo são usadas expressões e códigos específicos, mas que refletem a linguagem oral, ou seja, são típicos da oralidade.

As narrativas de memória sempre foram sobre um passado, a partir de um presente e para um determinado futuro, pois, segundo Walter Benjamin (1994, p. 211) “A *reminiscência* funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração em geração”. Desde os mais primitivos tempos, passando pelos *griots*⁸, pela tradição oral, pela história oral ou em diários de meninas, as narrativas de memória foram sempre na perspectiva do presente, com a reflexão de algo que já passou e com o objetivo de trazer alguma lição para o futuro.

Acreditamos que o uso das redes sociais, tem modificado a forma como o registro da memória é feito pelas pessoas. Ao postar fotos e textos em “tempo real” no Facebook, os usuários da internet estão produzindo registros e postando-os no momento exato da produção do fato. Assim, torna-se um registro sobre o momento instantâneo para um presente também instantâneo, quase como que um presente-passado e um presente-presente, que podemos chamar de atual. Essa memória do presente é uma memória efêmera e imediata, compartilhada em tempo real com seus amigos e familiares. Esta, que podemos chamar de memória compartilhada, seria uma espécie de memória imediata e, ao mesmo tempo mediada pelo espaço virtual, o ciberespaço. Nesse sentido, Canavilhas (2004) aponta que a internet comprime o tempo, não o tempo entre emissão e recepção da mensagem, mas o tempo da memória. Dessa forma, passamos a ter um passado-presente e um presente-presente.

3 AS NARRATIVAS DE MEMÓRIA NA INTERNET

Ao discutir a relação da memória e da internet, não podemos deixar de abordar os processos de narração do passado através dessa ferramenta, seja através de textos ou de imagens postadas nos *sites*, *blogs* ou nas redes sociais. Em primeiro lugar, podemos fazer uma breve

⁸ *Griots* são os contadores de histórias, geralmente idosos, nas culturas tradicionais africanas.

digressão sobre o fenômeno das narrativas. As pessoas normalmente narram suas histórias de forma a montar um mosaico da sua própria vida. E, nesse caso, a tendência é sempre para o uso da linearidade nas lembranças dos fatos ocorridos, pois a narrativa sempre é feita no tempo presente sobre o um tempo passado. Nesse caso, é a visão atual do mundo que é passada na narrativa. Por isso, a atividade de contar história é sempre temporal. Para Ecléa Bosi (1994, p. 88) que trabalhou com a narrativa de idosos moradores da cidade de São Paulo, “A narração é uma forma artesanal de comunicação. Ela não visa a transmitir o “em si” do acontecido, ela o tece até atingir uma forma boa.” Ainda sobre a forma como as pessoas narram suas histórias, é importante lembrar que as narrativas não são apenas através da fala, mas dos gestos, do nosso corpo.

Walter Benjamin (1994, p. 201) no ensaio “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, discute o papel do narrador e das narrativas tradicionais na modernidade. Para ele instalou-se uma crise da memória e da narração, pois “a arte de narrar está definhando porque a sabedoria — o lado épico da verdade — está em extinção.” No entanto, ele alerta que este não é um fenômeno recente ou uma característica “moderna”. Para ele, o que vai causar a morte da narrativa é o surgimento do romance no início do período moderno, pois ele não alimenta as tradições orais. É preciso, dessa forma, resgatar as narrativas orais, pois

Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. (BENJAMIN, 1994. p. 205).

Benjamin defende que as narrativas orais se baseiam muito na experiência que é passada de pessoa a pessoa, ou seja, nossa história não é somente o que narramos e o que nos lembramos de nossa vida, mas também de outras vidas que se entrelaçam com a nossa trajetória: as histórias de nossos antepassados que nos foram narradas por nossos pais, tios e avós e as melhores narrativas escritas são aquelas onde não há distinção entre a oralidade e a escrita, pois elas alimentam a tradição oral.

As memórias são sempre construídas no presente, a respeito de um passado, mas que se ancora no futuro, pois “a memória dá ao homem a ilusão de uma unidade com seu passado, mas o faz sempre da perspectiva do presente.” (CAMPOS, 1992, p, 51). O processo de contar e recontar episódios de nossa vida pode ser feito de várias formas, em livros autobiográficos, diários, etc. As memórias registradas em livros, ou mesmo através da internet, não podem ser dissociadas de um processo ficcional, pois ninguém recorda e registra exatamente como aconteceu, mas o que restou de lembrança e esquecimento do que se passou.

Paul Virilio (2006, p. 103) afirma que para o aparecimento de uma memória coletiva na internet é preciso que haja narrativa e que “a memória do tempo presente consiste em dilatar esse tipo de narrativa”. Mas como é o processo de narração e memória? Podemos afirmar que as narrativas na internet são diferentes das narrativas orais ou escritas? Sobre este aspecto é interessante verificar que Lúcia Santaella (2007, p. 84) diz: “O computador não nos coloca apenas diante de um novo tipo de tecnicidade, mas traz consigo uma linguagem híbrida, ou seja, o hibridismo sógnico e midiático que é próprio do ciberespaço”. Esse hibridismo, próprio do ciberespaço chamado também hipermídia, possibilita a integração desses conteúdos.

Diferentemente da revolução gutenberguiana, a hipermídia não incide apenas no modo como se produz e reproduz a escrita. Embora também envolva esse aspecto, a hipermídia vai muito além. Trata-se de uma nova maneira de se produzir o texto escrito na sua fusão com as outras linguagens, algo que transforma a escrita no seu âmago, colocando em questão a natureza mesma da escritura e dos seus potenciais (SANTAELLA, 2007, p. 85).

Ao estudar o uso do Facebook no registro de narrativas, a professora britânica Joanne Garde-Hansen (2009, p. 142) diz: “The personal stories one can create using Facebook do not necessarily present a person’s life as a history⁹”, nesse caso, não é absolutamente correto afirmar que os jovens utilizem o Facebook para registrar sua história, mas como um espaço de registro de acontecimentos. Segundo esta autora, o poder da palavra escrita e da linearidade ajuda a organizar e decodificar o passado de forma ordenada e temporal, mas sozinhos não dão conta

9 “As histórias pessoais que se pode criar usando o Facebook não apresentam necessariamente a vida de uma pessoa como uma história” Tradução livre.

dos processos de lembrança e esquecimento que enriquecem a memória. Para esta autora, não é somente os registros pessoais (textos, fotos, etc) no Facebook que apresentam uma narrativa sobre cada pessoa, mas também as contribuições dos amigos transformam a página pessoal em um arquivo pessoal digital de histórias. No entendimento desta autora, as redes sociais são um sintoma da necessidade de apresentar espaços de identidade, de histórias e de memória na internet.

Janet Murray (2003), em seus estudos sobre as narrativas de jogos *on-line*, aponta quatro propriedades essenciais no ambiente digital que o torna um poderoso veículo de criação literária. Segundo esta autora os ambientes digitais são procedimentais, participativos, espaciais e enciclopédicos. Em termos procedimentais, ela aponta que o ambiente digital é um motor, no qual os procedimentos colaboram com as estruturas das narrativas. Em segundo lugar, ela aponta que os ambientes digitais favorecem a participação e a interação entre as pessoas. Como os ambientes digitais são imersivos, ela aponta que eles favorecem a espacialidade e o enciclopedismo. Segundo esta autora, a internet possibilita a criação de narrativas em forma de mosaicos, formando justaposições, tal como acontecem nas narrativas do cinema. Nesse sentido,

[...] o computador oferece-nos maneiras de dominar a fragmentação. (...) Ele nos proporciona um caleidoscópio multidimensional, com o qual podemos reagrupar os fragmentos tantas vezes quantas quisermos, e permite que transitemos entre padrões alternados de organização em mosaicos. (MURRAY, 2003, p. 155).

4 AS REDES SOCIAIS E A REPRESENTAÇÃO DO “EU”

O fenômeno das redes sociais *on-line* é bem recente e foi uma tendência natural do crescimento da internet em relação à criação de espaços de participação dos usuários. No início, a participação e a interação dos usuários estava restrita à produção de alguma página pessoal, em código *HTML*. Com a evolução das ferramentas de comunicação, os usuários passaram primeiro a contar com espaços de comentários em matérias de sites de notícias. Em seguida, vieram os *blogs*¹⁰, espaços onde qualquer usuário pode colocar suas experiências *on-line*. O *boom* dos *blogs* deu-se a partir de 1999, mas ainda continua

10 O termo *blog* vem da palavra em inglês *weblog* (diário na web) e foi criado por Jorn Barger em dezembro de 1997. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Blog>, consultada em 15/07/2013.

sendo uma ferramenta muito utilizada pelos usuários, sejam em *blogs* pessoais, jornalísticos ou temáticos. O *blog* acabou por se tornar uma espécie de diário virtual, em que as experiências vividas são narradas no decorrer do dia. A experiência com a ferramenta de *blogs* veio ratificar o que já dizia Michael Benedikt (1991) sobre o ciberespaço. Segundo este autor, os egos e seus múltiplos papéis têm uma nova existência no ciberespaço, pois possibilita aos usuários uma maior comunicabilidade com o mundo. Os *blogs* evoluíram para os *photoblogs* e *videoblogs*, experiências de deixar seus registros na internet, seja por meio de textos, fotos ou vídeos.

A etapa seguinte na evolução histórica da internet em relação à interação com os usuários foi o surgimento da *web 2.0*. A ideia por trás do conceito da *web 2.0* é justamente a possibilidade de interação do público através de ferramentas de *wikis*, postando vídeos no You Tube ou comentando assuntos em sites de notícias. A criação de espaços de autoria na rede mundial de computadores incentivou o registro e disponibilização das memórias, sejam elas em forma de texto ou de imagens. E, as redes sociais substituíram, em larga escala, a experiência das pessoas com os blogs e os comunicadores instantâneos (tais como MSN, ICQ), que eram os grandes atrativos da comunicação mediada pelos computadores na internet 1.0.

Em 2002 surgiu a primeira rede social *on-line*, o Friendster, criado por Jonathan Abrams. Não teve sucesso inicial e acabou por ser fechada por problemas técnicos e por falta de capacidade do sistema de suportar vários acessos ao mesmo tempo e atualmente é uma plataforma de jogos sociais¹¹. A rede social Myspace¹² surgiu em 2003 e foi a rede social mais utilizada pelos usuários da internet no mundo inteiro até perder espaço para o Facebook. Usada principalmente pelas celebridades de *Hollywood* como uma ferramenta de divulgação de seus trabalhos e por músicos que queriam compartilhar músicas *on-line*, ela acabou se transformando numa rede de troca de informações e contatos. Em novembro de 2007 iniciou suas atividades no Brasil, mas nunca teve grande aceitação pelo público brasileiro. Em junho de 2011 foi adquirida

11 Verbete sobre Friendster disponível em <http://en.wikipedia.org/wiki/Friendster>, consultado em 15/07/2013.

12 Verbete sobre Myspace disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Myspace>, consultado em 15/07/2013.

pela americana *Specific Media*, empresa de mídia interativa. Em janeiro de 2004, surgiu a rede social *Hi5*, fundada por Ramu Yalamanchi. O *Hi5* cresceu no Brasil em paralelo ao crescimento do *Orkut*, como uma alternativa à superlotação do *Orkut*, mas acabou perdendo espaço para o Facebook na preferência dos internautas¹³.

A rede social *Orkut*¹⁴ iniciou suas atividades em janeiro de 2004 e foi criado por Orkut Büyükkökten, um engenheiro turco, funcionário do Google. Surgido como uma de suas atividades nas horas vagas, a rede social acabou por ser incorporada ao Google que investiu na compra de servidores e na implementação da ferramenta. Embora o alvo inicial tenha sido os Estados Unidos, o *Orkut* rapidamente se alastrou para o Brasil, tornando-se a principal rede social do país até outubro de 2011, quando foi ultrapassada pelo Facebook em número de usuários no país. Em 2008, a empresa Google transferiu a sede do *Orkut* para o Brasil devido ao elevado número de brasileiros conectados na rede. Atualmente os países com maior número de usuários são o Brasil e a Índia. Com a perda de usuários do *Orkut*, o Google investiu em aplicativos de bate-papo, além de integrar o sistema de e-mails, de busca e de mapas já existentes na ferramenta de buscas do Google. Em 2011, o Google lançou uma nova rede social chamada Google + (Google Plus), para competir com o Facebook. Embora seja independente do *Orkut*, há possibilidade de interligação entre essas duas redes sociais através do mesmo cadastro. O Google está investindo no Google Plus como forma de substituir o *Orkut* na preferências dos usuários brasileiros, solicitando a migração dos dados de uma rede social para a outra.

O Facebook foi fundado em 4 de novembro de 2004 por Mark Zuckerberg juntamente com outros alunos de Harvard com objetivo de conectar estudantes dessa universidade. Posteriormente, estendeu-se a outras universidades de Boston, dos EUA, Europa e finalmente se espalhou para o mundo inteiro¹⁵. Possui atualmente 845 milhões de usuários ativos no mundo inteiro, sendo que 67 milhões desses usuários

13 Verbete sobre Hi5 disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hi5>, consultado em 15/07/2013.

14 Verbete sobre o Orkut disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut>, consultado em 15/07/2013.

15 Verbete sobre o Facebook <http://pt.wikipedia.org/wiki/Facebook>, consultado em 15/07/2013.

estão no Brasil¹⁶. O Brasil é o quarto país em número de usuários, após os Estados Unidos, Indonésia e Índia. Conforme pesquisa Ibope Nielsen Online divulgada em outubro de 2011, o Facebook ultrapassou o Orkut em número de usuários no Brasil, tornando-se a rede social *on-line* favorita dos brasileiros¹⁷.

Em setembro de 2011, o Facebook lançou uma nova versão em que o usuário cria e alimenta a sua própria linha do tempo¹⁸. Quem aderiu à nova versão pode acrescentar fatos e fotos importantes de sua vida, desde o seu nascimento até o momento atual. A ideia é criar um espaço de registro dessa memória do passado, mas também do presente. Mark Zuckerberg, criador da rede social, durante o evento de lançamento deste novo aplicativo fez a seguinte afirmação: “Criamos um jeito de contar todas as histórias importantes de sua vida em uma única página.”¹⁹ Em março de 2013 o Facebook acrescentou mais uma novidade à linha do tempo: o usuário pode adicionar os livros que leu, os filmes que assistiu e até mesmo as séries de televisão que curte. A ideia é que a vida de qualquer pessoa possa ser disponibilizada na linha do tempo, tornando a rede social um espaço de memórias. Continua Zuckerberg

É a história de sua vida e tem três pedaços. Seus aplicativos, suas histórias e um jeito de expressar quem você é. Queremos fazer do *Timeline* um lugar que você se orgulha de chamar de ‘casa’. Queremos que você expresse quem você realmente é.

Ao disponibilizar esta nova versão, o Facebook assumiu um papel de aglutinador de registros das memórias das pessoas. No entanto,

16 Números do Brasil foram divulgados pelo vice-presidente da América Latina em março de 2013. <http://diariodonordeste.globo.com/noticia.asp?codigo=355896> Consultada em 15/07/2013.

17 Facebook ultrapassa Orkut em usuários únicos no Brasil, diz Ibope. Matéria do portal G1, consultada em 15/07/2013. <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2011/09/facebook-ultrapassa-orkut-em-usuarios-unicos-no-brasil-diz-ibope.html>

18 A linha do tempo é a forma de visualização do conteúdo relacionado a partir da página pessoal de cada usuário. Seu conteúdo pode ser visualizado pelo autor, mas partes dele poderá ser acessado por seus amigos e amigos de amigos, dependendo do grau de privacidade que o usuário atribui a cada ação no Facebook.

19 Frases retiradas da fala de Zuckerberg na matéria sobre o lançamento da linha do tempo em 22 de setembro de 2011, informação disponível no site <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2011/09/facebook-apresenta-linha-do-tempo-para-registrar-vida-do-usuario-no-site.html>, consultada em 15/07/2013.

como em qualquer instituição ou empreendimento comercial, o objetivo inicial não era o de suportar as memórias das pessoas, mas criar um espaço de socialização. No entanto, é lícito afirmar que o Facebook está se tornando um “lugar de memórias” ou de um livro de caras (face), um livro de memórias? Segundo Marion Strecker (2012), o ele está se tornando uma espécie de “Catálogo da Terra Inteira²⁰” com as histórias e fotos que as pessoas vão voluntariamente alimentando na rede social. Este catálogo aglutinaria as experiências das pessoas, suas memórias e suas narrativas sobre o mundo.

Com a ajuda de seus usuários e através do aplicativo “Linha do tempo”, o Facebook está adquirindo um perfil de uma grande enciclopédia de histórias e memórias, memória do momento presente e memória dos momentos passados. Seria uma espécie de museu de si mesmo. Nesse sentido, a criação de um aplicativo capaz de emular um museu de si mesmo, como o Museum of Me²¹ reitera essa faceta dessa rede social. A evolução das redes sociais nesta direção era previsível, uma vez que a tendência da Web 2.0 é transformar cada pessoa em autor, criando o seu próprio *broadcast*, tornando-se o centro de uma ferramenta de comunicação cada vez mais voltada para o indivíduo e suas individualidades. Segundo Paula Sibilia (2008), este foco no indivíduo e suas representações na internet teve início com os *blogs*, passa pelas redes sociais, mas encontrou seu terreno mais fértil no Second Life²², no qual é possível viver uma vida completamente diferente da vida fora da rede. Segundo esta autora, a internet:

[...] se tornou um grande laboratório, um terreno propício para experimentar e criar novas subjetividades: em seus meandros nascem formas inovadoras de ser e estar no mundo, que por vezes parecem saudavelmente excêntricas e megalomaniacas, mas outras vezes (ou ao mesmo tempo) se atolam na pequenez mais rasa que se pode imaginar (SIBILIA, 2008, p. 27).

Ao analisarmos os conteúdos das redes sociais, não podemos

20 Catálogo da Terra Inteira (ou “*Whole Earth Catalog*”) é um nome de um catálogo publicado entre os anos de 1968 e 1972 por Stewart Brand.

21 *Museum of Me* é um aplicativo da Intel que permite transformar o conteúdo de imagens que circulam em nossa página no Facebook é uma espécie de museu virtual.

22 *Second Life* é um ambiente virtual e tridimensional, criado em 1999 e no qual as pessoas interagem através de *avatars*.

deixar de discutir o conceito de representações. Podemos afirmar que o que postamos nas redes sociais são representações do nosso “eu”, uma vez que se trata de nossa persona social? Primeiro, é preciso verificar o conceito de representação social. Segundo Serge Moscovici (1979, p.18):

A representação é um corpus organizado de conhecimentos e uma das atividades psíquicas graças às quais os homens fazem inteligível a realidade física e social, integram-se em um grupo ou em uma relação cotidiana de intercâmbios, liberam os poderes de sua imaginação.

Essas representações de nós mesmos, que não são exclusivas dos ambientes virtuais, mas fazem parte da vida, são presentes na internet, seja através de avatares (do Second Life, por exemplo), seja nas redes sociais. Seria o que o autor chama de ciber-representações. Ele discute o conceito de ciber-representação cujo objetivo não é ser um simulacro do real, “mas uma concretização da própria representação” (MOSCOVICI, 2006, p. 78). Nesse raciocínio, as normas, regras e “dialetos” da internet favorecem a representação e segundo Moscovici, a memória.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A internet é uma realidade recente na história da humanidade. E os estudos sobre esse fenômeno também. A memória é apenas um dos campos afetados pelas novas tecnologias de informação, mas ainda há muito que estudar e entender sobre as influências que a rede mundial de computadores trouxe para o processo de escrita da memória. A reflexão que trazemos para este texto é de que os registros da memória estão sendo afetados por uma nova dinâmica: o compartilhamento das informações nas redes sociais. A até que ponto as redes sociais, no caso estudado o Facebook, estão se transformando em lugares de memória virtuais é o que pretendemos em nosso estudo. O levantamento de dados para chegarmos a essas conclusões ainda está em andamento, mas podemos afirmar que o processo de escrita da memória foi afetado pelas novas tecnologias e que as redes sociais vieram para expandir a possibilidade de troca de informações, interações e afetos.

REFERÊNCIAS

- BENEDIKT, Michael. **Cyberspace: first steps**. Cambridge: MIT Press, 1991.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, vol.1).
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CAMPOS, Marta. **O desejo e a morte nas Memórias de Pedro Nava**. Fortaleza: Edições UFC, 1992.
- CANAVILHAS, João. A internet como memória. **BOCC: Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**. 2004 Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-internet-como-memoria.pdf>>. Acesso em: 22 maio 2012.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 6. ed. rev. São Paulo: Paz e Terra, 2002. (V. 1: A era da informação: economia, sociedade e cultura).
- DIÁRIO DO NORDESTE. Número de usuários do Facebook no Brasil aumenta 458% em dois anos. Recife, 19 de março de 2013. Tecno. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/noticia.asp?codigo=355896>. Acesso em: 15 de jul. de 2013.
- ECO, Umberto. **O Bug da memória**. Entrevista com Umberto Eco, publicada na Biblioteca Folha em 1999. Disponível em: <http://biblioteca.folha.com.br/1/02/1999080801.html>. Acesso em: 15 jul. 2013.
- FELINTO, Erick. Matrizes. Em busca do tempo perdido. o sequestro da história na cibercultura e os desafios da teoria da mídia. **Matrizes**, São Paulo, Ano 4, n.º 2, p. 43-45, jan./jun. 2011.
- GARDE-HANSEN, Joanne. MyMemories?: Personal Digital Archive Fever and Facebook. In: GARDE-HANSEN, Joanne; HOSKINS, Andrew; READING, Anna. **Save as... digital memories**. London: Palgrave Macmillan, 2009.
- HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- JOST, François. Novos comportamentos para antigas mídias ou antigos comportamentos para novas mídias? **Matrizes**, São Paulo, Ano 4, n.º 2, p. 93-109, jan./jun. 2011.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Lisboa: Edições 70, 2000, p. 254. (V. 1 – História).

MAMEDE-NEVES, Maria Aparecida. O jovem no centro da dimensão oculta da internet. In: NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. **Cabeças Digitais: o cotidiano na era da informação**. Rio de Janeiro: Editora PUC; São Paulo: Loyola, 2006. p 181-189.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**. Rio de Janeiro: Vozes, 1979.

_____. Memórias, rituais e ciber-representações. In: CASALEGNO, Federico. **Memória cotidiana: comunidade e comunicação na era das redes**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

MURRAY, Janet. **Hamlet no Holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço**. São Paulo: Instituto Cultural Itaú/Unesp, 2003.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. **Na malha da rede: os impactos íntimos da rede**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

NUMERO de usuários do Facebook no Brasil aumenta de 458% em dois anos. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 09 de mar. 2013. Tecno. Disponível em: [HTTP://diariodonordeste.globo.com/notiica.asp?codigo=355896](http://diariodonordeste.globo.com/notiica.asp?codigo=355896). Acesso em: 15 jul. 2013.

PORTAL G1. Facebook ultrapassa Orkut em usuários únicos no Brasil, diz Ibope, publicada em 2011.

<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2011/09/facebook-ultrapassa-orkut-em-usuarios-unicos-no-brasil-diz-ibope.html>. Acesso em: 15 jul. 2013.

PORTAL G1. Facebook muda página pessoal para linha do tempo e altera botão 'curtir'. São Paulo, 29 de novembro de 2011. Tecnologia e Games. Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2011/09/facebook-apresenta-linha-do-tempo-para-registrar-vida-do-usuario-no-site.html>. Acesso em: 15 jul. 2013.

PRENSKY, Marc. Digital Natives, Digital Immigrants. **MCB University Press**, vol. 9, no. 5, october 2001. Disponível em: <http://www.marcprensky.com/writing/Prensky - Digital Natives, Digital Immigrants - Part1.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2013.

RÜDIGER, Francisco. A reflexão teórica em cibercultura e a atualidade da polêmica sobre a cultura de massas. **Matrizes**, São Paulo, Ano 5, n^o 1, p. 45-61, jul./dez. 2011.

SANTAELLA, Lucia. “As linguagens como antídotos ao midiacentrismo”. **Matrizes**, São Paulo, Ano 1, n. 1, p. 75-97, jul./dez. 2007.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

STRECKER, Marion. Novo ‘Catálogo da Terra inteira’, Facebook faz das pessoas marqueteiros de si mesmos. **Portal UOL**. UOL Tecnologia, São Paulo, 18 de maio de 2012. Disponível em: <http://tecnologia.uol.com.br/noticias/redacao/2012/05/18/novo-catalogo-da-terra-inteira-facebook-transforma-pessoas-em-marqueteiros-de-si-mesmos.htm>. Acesso em: 15 jul. 2013.

VIRILIO, Paul. O paradoxo da memória do presente na era cibernética. In: CASALEGNO, Federico. **Memória cotidiana**: comunidades e comunicação na era das redes. Porto Alegre: Sulina, 2006. p. 90-104.

WIKIPEDIA. Blog. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Blog> Acesso: 15 de jul. 2013.

WIKIPEDIA. Facebook. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Facebook> Acesso: 15 de jul. 2013

WIKIPEDIA. Friendster <http://en.wikipedia.org/wiki/Friendster>, Acesso: 15 de jul. 2013

WIKIPEDIA. Hi5 <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hi5>, Acesso: 15 de jul. 2013

WIKIPEDIA. Myspace. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Myspace>, Acesso: 15 de jul. 2013

WIKIPEDIA. Orkut. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut>, Acesso: 15 de jul. 2013

WIKIPEDIA. Web 2.0 http://pt.wikipedia.org/wiki/Web_2.0 Acesso: 15 jul. 2013.

Artigo recebido em: 01/4/2013

Aceito para publicação em: 05/8/2013